

A BALEIA ADORMECIDA DE ICÓ (CE): As Lendas Icoenses como Práticas Folkcomunicacionais¹

Letícia Ramalho Nascimento ²
Maria Érica de Oliveira Lima ³

RESUMO

O trabalho analisa as lendas populares de Icó (CE) como práticas folkcomunicacionais de difusão e preservação de saberes culturais locais. A partir da Folkcomunicação, teoria de Luiz Beltrão, entende-se a lenda como forma de comunicação fora da mídia hegemônica, valorizando os modos tradicionais de transmissão de informações. Desse modo, busca-se traçar um histórico da cidade e suas manifestações orais, com ênfase na “lenda da baleia adormecida”. Esta pesquisa qualitativa explora textos, música e *podcast*, destacando como essas expressões simbólicas configuram-se como práticas folkcomunicacionais que reforçam a identidade cultural icoense e preservam a memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; lendas; cultura popular; memória coletiva; Icó.

1. INTRODUÇÃO

“Não tire o santo do lugar, não tire o santo do altar dele, se essa baleia acordar esse sertão vai virar mar...” (Tamarineiros – Drulucca)

A comunicação popular é essencial na produção e na difusão de saberes culturais. No contexto da cultura popular brasileira, narrativas orais como mitos, lendas e causos constroem o imaginário coletivo e preservam as memórias sociais. Na década de 1960, Luiz Beltrão criou a teoria da Folkcomunicação para entender a comunicação entre grupos marginalizados, muitas vezes ignorados pela mídia. Ela valoriza meios populares surgidos em contextos periféricos, onde as lendas expressam simbolicamente os anseios, os medos e as esperanças dessas comunidades. Como afirma Lopes:

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Universidade Federal do Ceará. Mestranda em Comunicação. Graduada em Letras Português-Espanhol. Contato: leticyya015@gmail.com.

³ Universidade Federal do Ceará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, Contato: merical@uol.com.br.

[...] as lendas articulam questões com as quais a comunidade se vê às voltas para explicar. Podemos aqui interpretar essas questões como medos, ansiedades, polêmicas e interditos que uma sociedade precisa simbolizar, até certo ponto inconscientemente, na forma de narrativas. Essas narrativas viriam então confirmar ou questionar concepções de mundo tidas como válidas dentro da comunidade em questão. (2008, p. 378)

Inserida nesse contexto, a pesquisa tem como objeto a “lenda da baleia adormecida”, amplamente difundida em Icó, no Centro-Sul do Ceará. Transmitida oralmente entre gerações, a lenda é analisada sob a ótica da Folkcomunicação, buscando entender de que forma atua como um dispositivo comunicacional fora da mídia hegemônica. Além de informar sobre fatos locais, a lenda funciona como mecanismo de preservação cultural, revelando saberes e valores da comunidade que a mantém viva.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho investiga a narrativa da baleia adormecida em Icó (CE) como prática folkcomunicacional, destacando sua importância na transmissão cultural e preservação da memória coletiva. Analisa os meios orais e populares, o contexto histórico da cidade e registros em mídias alternativas, como música e *podcast*, por meio de uma pesquisa qualitativa. Utiliza fontes bibliográficas de Beltrão (1980; 2014), Lima (1998), Cascudo (2000) e Eliade (2000), além de materiais sonoros, como o *podcast Cidade das Lendas* (2021) e a música *Tamarineiros* (2016), e de registros históricos de Icó. A metodologia inclui, indiretamente, a etnografia, observando materiais orais e digitais para compreender como os moradores constroem e transmitem a narrativa, ressignificando a memória coletiva de Icó.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por se tratar de uma pesquisa que investiga as lendas como ferramentas de comunicação, é fundamental compreender a teoria da Folkcomunicação de Luiz Beltrão; as definições de lendas e mitos; a história da cidade de Icó (CE), cenário da narrativa; e o objeto de estudo: a “lenda da baleia adormecida”.

A Folkcomunicação

A Folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão a partir da década de 1960, busca entender os processos comunicacionais fora dos meios tradicionais, especialmente entre grupos populares e marginalizados. Para Beltrão (1980), é o “sistema de comunicação dos excluídos”, um conjunto de práticas pelas quais essas camadas constroem, preservam e transmitem seus saberes, valores e visões de mundo. Ela “pode ser definida como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24).

Diferente da comunicação de massa, que usa canais hegemônicos, a Folkcomunicação baseia-se na oralidade, tradições, festas, músicas e narrativas como mitos e lendas. Segundo Beltrão (2014), ela revela como populações marginalizadas constroem e participam da vida social sem acesso às mídias formais. Assim, as lendas, como a da “baleia adormecida”, expressam medos, esperanças e anseios com simbolismos e linguagem própria, fortalecendo identidade e pertencimento.

Para Rúbia Lóssio (2002), citada por Nascimento (2022, p. 1540), “é na folkcomunicação que esta torna-se matéria viva para estudos e pesquisas”. Além disso, Nascimento (2022, p. 1540) afirma que “[...] as lendas carregam em si não só meras histórias de acontecimentos imaginários, mas são constituídas de todo um cenário de um povo, em determinada escala histórica”. Mostrando, portanto, que as lendas têm um aspecto fantasioso, mas possuem, em seus enredos, trechos de histórias reais e cenários locais que representam o povo que ali vive.

Lendas e Mitos

As lendas e os mitos são essenciais ao imaginário coletivo, mas têm significados distintos. Segundo Eliade (2000), mitos narram acontecimentos primordiais em tempo sagrado, explicando a origem do mundo e fenômenos culturais. Já as lendas ocorrem em tempos mais próximos e espaços reais, misturando fatos históricos com elementos fantásticos e sobrenaturais, tornando-se memoráveis. Cascudo (2000, p. 328) define lenda

como “episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso, transmitido oralmente e situado no tempo e espaço”. Além de ficção, as lendas expressam sentimentos comunitários e funcionam como memória coletiva, conforme Nascimento,

a lenda pode ser entendida como uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, a origem do mundo e dos homens, das coisas. São narrativas tradicionais, com características simbólicas e explicativas. (2022, p. 1544)

Em Icó (CE), a lenda estudada reflete uma forte relação entre população, geografia, crenças e história, funcionando como um mecanismo de interpretação do mundo local.

História de Icó

A cidade de Icó, no Centro-Sul do Ceará, é uma das cidades mais antigas do interior nordestino e possui o maior número de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no estado. Fundada no século XVII por portugueses e sertanejos, sua localização estratégica ajudou no transporte de produtos. De acordo com Lima (1998, v. 2, p. 110), “Icó faz fronteira com Paraíba e Rio Grande do Norte, o que facilitou o escoamento de mercadorias para Pernambuco e Bahia”. Segundo Théberge (1973), devido a sua localização, a cidade se tornou rapidamente um importante entreposto comercial e administrativo, destacando-se no ciclo do gado no Brasil colonial.

A obra de Lima e Sousa (1996), *Princesa dos Sertões*, revela que Icó é um local onde narrativas populares são vivenciadas e transmitidas pela oralidade e por manifestações culturais e religiosas, como as festas do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Expectação. “Muitas são as histórias de caráter lendário versadas de boca em boca pelos icoenses, refletindo o seu jeito espirituoso de conviver com as incoerências. Algumas dessas histórias podem ser fictícias ou contêm verdades absolutas sobre Icó” (Lima e Sousa, 1996, p. 66).

Essas manifestações transmitem saberes que fortalecem a identidade local, destacando a “lenda da baleia adormecida” como patrimônio imaterial de Icó. Conhecer

a história da cidade é essencial para contextualizar a narrativa ligada ao espaço geográfico, religioso e histórico que molda Icó.

A Baleia Adormecida de Icó (CE)

No sertão cearense, onde o Rio Salgado percorre entre pedras e memórias, uma lenda ancestral resiste ao tempo e às estiagens. Na histórica Icó, embaixo da Igreja do Senhor do Bonfim, repousa uma enorme baleia adormecida. A tradição diz que, se ela despertar, as águas subterrâneas romperão o solo seco, transformando o sertão em mar novamente. Essa lenda, narrada poeticamente, é difundida entre todos os moradores de Icó, independentemente de classe, gênero ou raça. Estudos de Lima (1998) e Lima e Sousa (1996) sugerem que suas raízes podem estar nas tradições orais do povo indígena Tapuia Kariri, antiga etnia da região. Como afirma o autor Lima (1998, v. 2, p. 9), quando diz que “os primeiros colonizadores, encontraram uma tribo tapuia da Nação Cariri, denominada Icó”.

Na década de 1920, a lenda ganhou destaque com a chegada dos frades carmelitas, que planejaram construir uma nova igreja do Senhor do Bonfim para atender ao aumento de fiéis e transferir para lá a imagem do santo, trazida da Bahia em 1749. Contudo, segundo Lima e Sousa (1996, p. 75), “a crença popular, no entanto, reforça a fé católica assegurando que tal fato somente não acontecerá se os devotos do Senhor do Bonfim mantiverem a adoração [...] e jamais retirarem a imagem do Senhor do Bonfim de seu santuário de origem”. Para a população icoense, tirar a imagem do santuário pode despertar a baleia e causar um desastre.

O impasse, narrado por Daniel Bruno e Isabella Cândido no *podcast Cidade das Lendas* (2021), ocorreu na inauguração da nova igreja, quando a população, temerosa da lenda, impediu a remoção da imagem sagrada. O novo templo foi então dedicado a São José, preservando o vínculo espiritual com o santuário original do Senhor do Bonfim. É importante destacar que a lenda se transmite pela oralidade e por meios contemporâneos, como a música *Tamarineiros* (2016) e o *podcast*, ampliando sua divulgação e visibilidade cultural além de Icó.

Percebe-se que a narrativa une símbolos e fatos reais, como os frades carmelitas e a resistência popular, e é expressão da Folkcomunicação, perpetuada pela oralidade, fé

e cultura do povo icoense, fora dos meios midiáticos tradicionais. Além de encantar, essa narrativa demonstra um conjunto de práticas de troca de informações, ideias, opiniões e comportamentos entre os públicos marginalizados urbanos e rurais (Beltrão, 1980). Em Icó, essa lenda mantém viva a tradição ancestral e resiste à homogeneização midiática, criando um saber próprio e enraizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstra que a “lenda da baleia adormecida”, inserida no contexto cultural de Icó (CE), constitui uma prática comunicacional relevante no campo da Folkcomunicação, pois ao circular por meios orais e não hegemônicos, como canções e *podcasts*, essa narrativa reafirma a memória coletiva e os vínculos simbólicos da população com o território icoense.

Ademais, a teoria de Luiz Beltrão revela-se fundamental para a compreensão das formas comunicacionais populares e suas funções socioculturais. Assim, a lenda, enquanto expressão simbólica, traduz tensões, valores e crenças de uma coletividade, sendo importante reconhecê-la como patrimônio imaterial que contribui para a valorização das práticas culturais marginalizadas e para a preservação de saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

CIDADE das Lendas. #01 - A Lenda da Baleia. [Locução]: Daniel Bruno e Isabella Cândido. [s.l.]: Spotify, 08 abr. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0va41wsR2AvVFkZfajExV5>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LIMA, Idelsuite de Sousa; SOUSA, Maria Eleneuda de. **Princesa dos sertões**. Fortaleza: Tropical, 1996.

LIMA, Miguel Porfírio de. **Icó entre fatos e memórias**. v. 2. *Icó: [s.n.]*, 1998.

LOPES, Carlos Renato. Em busca do gênero lenda urbana. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 8, n. 2, p. 373-393, mai./ago. 2008. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/394. Acesso em: 08 jul. 2025.

NASCIMENTO, Cícero Bruno Barros. Lugar de Memória: os mitos e as lendas na construção de identidades. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 1536-1550, mar. 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4737>. Acesso em: 07 jul. 2025.

TAMARINEIROS. Intérprete: Drulucca. Compositores: Pedro Lucca Cândido e Luiz Angelim. *In: EP CAFÉ Molotov*. Intérprete: Drulucca. *[S.l.]*: Spotify, 18 jul. 2016. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/64IJnNXamdnDo6GSSkrmGI>. Acesso em: 08 jul. 2025.

THÉBERGE, Pedro. **Esboço histórico sobre a Província do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.